



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANA THAYS SOARES DE LIMA

**A MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR NO ESTADO DO CEARÁ**

FORTALEZA

2016

ANA THAYS SOARES DE LIMA

A MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR NO ESTADO DO CEARÁ

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a conclusão da disciplina de monografia 3.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

- L732m Lima, Ana Thays Soares.
A música como fonte de informação no período da ditadura militar no estado do Ceará / Ana Thays Soares de Lima. - 2016.
58f.
- Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto.
1. Fonte de Informação 2. Ditadura Militar 3. Música I. Bentes Pinto, Virgínia. II. Título.

CDD 781.660981

ANA THAYS SOARES DE LIMA

A MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR NO ESTADO DO CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a conclusão da disciplina de monografia 3.

Aprovada em __/__/____.

Nota:_____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias (membro da banca)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Odete Mayra Mesquita Sales (membro da banca)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A aquele de quem tantas saudades
sinto, e tanto queria o abraço e conforto
de suas palavras nos momentos ruins.

(Vovô Marinho).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, dono dos meus dias, aquele a quem devo tudo que sou e que me abençoou com o dom da vida. A ele minha gratidão por me capacitar a chegar até aqui.

A minha orientadora, professora Virgínia Bentes Pinto, por toda a dedicação, disponibilidade, estímulo e paciência, sem seus grandes ensinamentos nada disso poderia ser possível. Aos professores participantes da banca examinadora, Gabriela Belmont, Mayra Mesquita e Tadeu Feitosa pela disponibilidade.

A minha família, minha base, meu tudo. Aos meus pais, Marleyde Soares e Ezequias Rebouças, pelo empenho, amor e carinho que sempre dedicaram a mim. A minha avó, Conceição Soares, pela força nos momentos difíceis e as palavras de alento nas horas de dor.

Aos amigos de longo tempo, que sempre apoiaram e foram compreensivos nas horas difíceis. A vocês minha eterna gratidão.

Aos amigos conquistados nesses quatro anos de UFC. Ao Pablo Gomes e Mariana Mota, sempre presentes e dispostos a ajudar em tudo, foram a minha paixão na Biblioteconomia e serão meus amores por toda a vida. A Patrícia Celedonio, Cristina Ribeiro, Emerson Matheus e Aldênio Rodrigues, companheiros das tardes/noites de riso, choro e companheirismo.

Ao pessoal do IBGE. A bibliotecária Cássia Alencar, por seu exemplo de força, determinação e coragem que tanto me inspiraram nesses dois anos de estágio. A Tereza Cristina, por seu carinho e conversas cotidianos. E ao Nilo Sérgio, pelos conselhos, disponibilidade e a ajuda que foi fundamental na realização desse trabalho.

A todos os professores da graduação, por repassar tão bem o seu conhecimento, sendo, em muitas vezes, além do que mestres, mas amigos.

Agradeço também aos entrevistados que com tanto carinho e disponibilidade me receberam e responderam a entrevista, dando uma imensa contribuição para a pesquisa.

Enfim, a todos que foram importantes em minha vida e, principalmente, nesse período da graduação.

“Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como nossos pais”
(Como nossos pais, Belchior)

RESUMO

A música é uma das mais eficientes fontes de informação pois, através dela, pode-se ter ciência de todo o aparato político, social e econômico de uma época. A música conta a história de um povo através de suas letras. E isso não foi diferente no período da ditadura militar (1964-1985), onde as críticas ao governo eram enraizadas nas canções de protesto. Vislumbrando esse contexto surge o **problema**: Qual o papel da música como fonte de informação no período da ditadura militar no Estado do Ceará? O **objetivo** da pesquisa é Analisar o contexto musical do período da ditadura militar no Ceará, como fonte de informação para a sociedade da época. A **metodologia** é caracterizada por uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa onde tratamos o sujeito através de seus traços subjetivos e peculiaridades. Os instrumentos de coleta serão a pesquisa bibliográfica e entrevistas estruturada direcionada a um produtor musical e uma pessoa pertencente a massa populacional. Os **resultados** mostram que a música no período ditatorial foi, e é, uma fonte de informação, que repassa ao público uma denúncia das atrocidades dessa época, porém nem todos tinham esse acesso. A **conclusão** apresenta que a música no período da ditadura militar tinha essa função informacional, mas a maioria da população não tinha acesso a essas obras de protesto devido a ação da censura, tal ação tinha o intuito de que a sociedade permanecesse alienada, não comprometendo os planos ditatoriais.

Palavras-chave: Fonte de Informação. Ditadura Militar. Música.

ABSTRACT

Music is one of the most efficient sources of information because, through it, one can have knowledge of the whole political, social and economic apparatus of an era. The song tells the story of a people through their lyrics. And this was no different in the period of the military dictatorship (1964-1985), where criticisms of the government were rooted in protest songs. Looking at this context, the **problem** arises: What is the role of music as a source of information during the period of the military dictatorship in the State of Ceará? The **objective** of the research is to analyze the musical context of the period of the military dictatorship in Ceará, as a source of information for the society of the time. The **methodology** is characterized by an exploratory research with a qualitative approach where we treat the subject through his subjective traits and peculiarities. The instruments of collection will be the bibliographical research and structured interviews directed to a musical producer and a person belonging to the population mass. The **results** show that music in the dictatorial period was, and is, a source of information, which gives the public a denunciation of the atrocities of that time, but not all had this access. The **conclusion** shows that music during the period of the military dictatorship had this informational function, but the majority of the population did not have access to these works of protest due to the action of censorship, such action was intended that society remained alienated, not compromising the Dictatorial plans.

Keywords: Source of Information. Military Dictatorship. Music.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-1	Ato Institucional 1
AI-2	Ato Institucional 2
AI-3	Ato Institucional 3
AI-4	Ato Institucional 4
AI-5	Ato Institucional 5
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
EUA	Estados Unidos da América
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
INPS I	Instituto Nacional de Previdência Social
LP	Long Play
MPB	Música Popular Brasileira
PAEG	Plano de Ação Econômica do Governo
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
URSS	União da República Socialista Soviética
UDN	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Metodologia.....	12
2 MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO GOLPE MILITAR BRASILEIRO.....	14
2.1 O golpe de 1964 no Brasil.....	19
2.1.1 Legitimação da censura.....	23
2.1.2 Censura em equipamentos culturais e midiáticos.....	25
2.2 Música: “arma” de protesto da ditadura militar.....	27
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	32
4 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTAS.....	48
APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTAS (ENTREVISTADO A).....	49
APÊNDICE C – GUIA DE ENTREVISTAS (ENTREVISTADO B).....	51
ANEXO A – DOCUMENTO CONFIDENCIAL DO EXÉRCITO SOBRE ELIS REGINA.....	55
ANEXO B – DOCUMENTO DE PROIBIÇÃO DA MÚSICA APESAR DE VOCÊ DE CHICO BUARQUE.....	57
ANEXO C – DOCUMENTO QUE PROVA A PROIBIÇÃO DA REGRAVAÇÃO DA MÚSICA TIRO AO ÁLVARO DE ADONIRAM BARBOSA.....	58

1 INTRODUÇÃO

O período da ditadura militar foi uma das páginas mais dolorosas da história do nosso país. Foram anos de tortura, massacre, dor e sofrimento daqueles que buscavam defender a liberdade de expressão no Brasil com a própria vida. Muitos manifestantes foram torturados física e psicologicamente por aqueles que tornaram-se os maiores carrascos da história brasileira.

Toda essa arbitrariedade dos militares precisava ser mostrada e combatida, para isso diversos recursos eram utilizadas para poder protestar contra tais ações. Um dos meios mais utilizados para protestar foi à música. Em uma época em que todo tipo de informação só poderia ser veiculada caso fosse aprovada por censores, as canções vinham como uma forma de protestar de modo mais velado. Isso ocorria devido a licença poética que é permitida à música, onde pode-se usar do sentido figurado e transmitir mensagens por entrelinhas.

Muitas músicas seguiam esse padrão na referida época, fazendo dos seus compositores alvos dos militares. Falar do cenário musical nesse período é remeter a Geraldo Vandré e a sua “Pra não dizer que não falei de flores” (1968), ou lembrar Caetano Veloso e a turma do Tropicalismo com a canção “Alegria, Alegria” (1967), sem esquecer de Chico Buarque com sua “Roda Viva” (1967) e tantos outros que fizeram da sua arte um protesto.

Através da história que é contada, hoje podemos ver os impactos que a ditadura militar causou no nosso país, e vemos a importância da música como uma fonte de informação da época, seja para aqueles que viviam tempos sombrios em solo brasileiro ou para nós que podemos conhecer um pouco mais do período por meio das canções. Vemos que a música teve, e tem, um papel importante na sociedade, fazendo parte de seu dia-a-dia.

A presente pesquisa fundamenta-se na seguinte **questão**: Qual o papel da música como fonte de informação no período da ditadura militar no Estado do Ceará?

Justifica-se em função do extremismo no tocante cerceamento e limitação da informação em todos os segmentos sociais do Brasil, o período de exceção que marcou o país de forma positiva para quem estava no lado da situação, e negativamente não só para quem era oposição, visto que, os brasileiros

em sua grande maioria foram anestesiados e ficaram inertes do ponto de vista cultural e principalmente no tocante a liberdade de expressão.

Essa condição maculou o país em vários segmentos, principalmente no âmbito da disseminação de informação. Essa medida limitou o crescimento intelectual dos brasileiros, as escolas ficaram aleijadas educacional e pedagogicamente; os integrantes da mídia livre foram perseguidos, torturados e mortos.

Enquanto isso a grande massa populacional ficou alienada, sem referencial de uma nação democrática, e sim dominada pelo autoritarismo militar, por civis que desenharam o futuro do Brasil com o apoio da mão de ferro militarista e dos oportunistas corruptos que transformaram o país no quintal dos norte-americanos, visto que, estavam interessados na preservação do sistema capitalista em detrimento do sistema soviético que assolava muitos países em pleno contexto da guerra fria.

O Brasil sempre teve informações para serem processadas e compartilhadas no meio da sociedade, no entanto o que tivemos no Regime Militar foi uma sociedade com limitações impostas, dentro de um contexto onde o povo foi tolhido, vilipendiado e muitos enclausurados.

O presente tema me chama a atenção desde os tempos de escola, onde as aulas de história com a temática envolvendo o período da ditadura eram esperadas ansiosamente. Como boa leitora de livros de mistério, o período de repressão no Brasil me soa como algo misterioso, algo que ainda precisa ser desvendado. A questão musical, aflorou devido ao interesse pela Música Popular Brasileira (MPB), estilo musical surgido na época e que foi o berço das obras de protesto.

E por fim, pretendo com essa pesquisa, contribuir para a produção científica sobre o referido tema, levando em conta que existem poucas produções dando ênfase na questão informacional no período da ditadura militar em nosso Estado, principalmente no tocante a música.

O objetivo a ser alcançado está delineado em geral e específicos, os quais são apresentados abaixo:

- Objetivo geral

Analisar o contexto musical do período da ditadura militar no Ceará,

como fonte de informação para a sociedade da época.

- Objetivos específicos
 - a) pesquisar qual a visão da sociedade, em seus diversos âmbitos, quanto a influência da música como fonte de informação;
 - b) analisar os impactos que as letras de protesto causavam na sociedade da época;
 - c) pesquisar a dificuldade da disseminação da informação do período militar no Estado do Ceará.

1.1 Metodologia

Pesquisa exploratória com vistas a explorar o conteúdo, através de um levantamento bibliográfico do tema em estudo, buscando esclarecer conceitos e visando o esclarecimento das discussões existentes a respeito da temática. Acerca da pesquisa exploratória, Gil (2008, p. 27) explica:

As pesquisas exploratórias tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. (...) constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa que conforme Richardson (1985, p. 38), defende

O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, não obstante perderem seu caráter qualitativo, quando são transformados em dados quantificados na tentativa de se assegurar a exatidão no plano dos resultados.

Outro instrumento de coleta de dados adotado foi a Entrevista (Apêndice A), que se caracteriza como, “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação.” (GIL, 2008, p. 117). O tipo de entrevista foi a estruturada, que desenvolve-se a partir de uma relação fixa de

perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados. A entrevista foi aplicada com um produtor musical e uma pessoa pertencente a massa populacional (Apêndices B e C). A escolha dos entrevistados deu-se devido a vontade de analisar a diferença informacional, vinda por meio da música, nesses dois grupos de pessoas..

Também adotamos análise de conteúdo. Segundo Mozzato (2011, p. 733):

Quando a análise de conteúdo é escolhida como procedimento de análise mais adequado, como em qualquer técnica de análise de dados, os dados em si constituem apenas dados brutos, que só terão sentido ao serem trabalhados de acordo com uma técnica de análise apropriada. Para Flick (2009), a análise de conteúdo, além de realizar a interpretação após a coleta dos dados, desenvolve-se por meio de técnicas mais ou menos refinadas. Dessa forma, a análise de conteúdo se vem mostrando como uma das técnicas de análise de dados mais utilizada no campo da administração no Brasil, especialmente nas pesquisas qualitativas.

Na proposição de Bardin (2006, p. 38), a análise de conteúdo é definida como sendo

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Para a análise das entrevistas, visando os objetivos propostos, foram estruturadas cinco (05) categorias, a saber: a) entendimento sobre a sociedade da época e a música como fonte de informação; b) tipos de músicas que escutavam no período como fonte de informação; c) identificação das mensagens subliminares; d) influência da música do eixo Rio-São Paulo no contexto cearense; e) personagens símbolos do período da Ditadura Militar.

Esta monografia está estruturada em 04 (quatro) capítulos. O primeiro apresenta a introdução do trabalho mostrando o objeto de estudo, a justificativa, os objetivos e a metodologia. No segundo faz-se um relato da música como fonte de informação, trazendo um apanhado do Golpe militar, relatando o seu contexto histórico, dando ênfase na censura e em como a música no período ditatorial era uma importante arma de protesto. O terceiro capítulo há a análise dos dados e a interpretação dos resultados. O quarto e último capítulo tem-se a conclusão dessa pesquisa.

2 MÚSICA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO GOLPE MILITAR BRASILEIRO

Em um mundo onde o fluxo e os suportes informacionais são tão diversos, é uma tarefa bem difícil definir que seja informação. Ela está atrelada a comunicação e visa prover conhecimento a alguém ou para um grupo de pessoas. Usamos a informação em todos os dias de nossa vida, seja assimilando, produzindo, questionando ou transmitindo algo que chega ao nosso conhecimento. E todo esse apanhado de informações provém de um local, de uma fonte.

Segundo Ferreira (1975, p. 797) fonte é “aquilo que se origina ou produz; origem, causa, procedência, proveniência” ou ainda “qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações”. Vemos assim que as fontes são a origem da informação que está sendo utilizada, pois remete ao que está sendo trabalhado tanto pelo fornecedor de informação como pelo usuário. Na Biblioteconomia as fontes são interligadas a informação, construindo assim um conceito.

Para Arruda (2002, p. 99) “fontes de informação designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas.” A Biblioteca Virtual em Saúde conceitua como “qualquer recurso humano ou digital que responde a uma necessidade de informação ou que promove disseminação de informação”. Já para Villaseñor Rodriguez (1998, p. 29) as fontes de informação são “instrumentos de trabalho de uso indispensável para poder alcançar a informação que pesquisadores e usuários de bibliotecas e centros de documentação necessitam.” Podemos acrescentar que as fontes de informação são essenciais para a vida de todos os seres humanos, pois toda e qualquer pessoa faz uso da informação, em suas mais diversas plataformas, em seu cotidiano. As fontes de informação também são indispensáveis para a recuperação da informação.

Cada fonte de informação vem a atender a uma necessidade informacional que varia de usuário para usuário, que para ser sanada precisa de uma fonte específica para cada um. Nesse sentido, o primeiro tipo de informação a que um indivíduo está suscetível é a de caráter utilitário, que segundo Campello (1998, p. 41) a informação utilitária vem a abranger

[...] os contatos pessoais, representados pelos relacionamentos entre vizinhos e parentes. As pessoas, geralmente, se encontram; conversam e pedem conselhos aos conhecidos mais próximos, já que a lei do menor esforço funciona especialmente neste caso, isto é, as pessoas sempre preferem fontes que estejam facilmente disponíveis e que sejam simples de serem utilizadas, características típicas da comunicação oral.

Esse tipo de informação será recorrente durante a existência de um indivíduo, pois isso o faz estar inserido na sociedade, estando ciente do que está ocorrendo no meio em que está inserido, estando ciente dos seus direitos, deveres, obrigações, informações gerais sobre seu município, estado ou país. Esse tipo de informação é necessária para a sobrevivência do ser humano no seu meio. Porém, a procura por outros tipos e fontes de informação vem crescendo conforme o fluxo informação também cresce.

Com o crescimento das fontes de informação, elas puderam ser divididas de maneira diferente, conforme a sua natureza, onde a maioria dos autores as divide em fontes primárias, secundárias e terciárias. Através da literatura da área de Biblioteconomia, também é possível ver que primeiro as dividimos conforme sua natureza, para depois tipificá-las.

As fontes primárias devem conter informações originais ou, pelo menos, novas interpretações de fatos ou ideias já conhecidas, como: livros; artigos de periódicos; teses; dissertações; e até mesmo fotografias. As secundárias têm o objetivo de facilitar o uso das primárias. Entre elas destacam-se os dicionários, as enciclopédias, os manuais, etc. Já as terciárias direcionam os usuários para as outras duas já mencionadas e são os resumos, os índices e os guias. (Dias e Pires, 2005).

Os tipos de informação podem ser melhor explicados através de exemplos, como nos mostra Brigidi (2009, p.12)

podem ser instituições que fornecem informações sobre si mesmas ou seus produtos e serviços; neste caso, são chamadas fontes institucionais; podem ser pessoas que transmitem informações adquiridas ao longo da vida, tanto acadêmica, quanto profissional e pessoal; estas são as chamadas fontes pessoais; por fim os próprios materiais impressos, livros, revistas, folhetos, cartazes, etc., denominadas fontes bibliográficas ou documentais.

As organizações, como bibliotecas, arquivos e museus, disponibilizam uma vasta gama de tipos de informação, em sua maioria gratuita e pública, constituindo assim um grande suporte informacional a sociedade. Como nos é

relatado por Campello (2003, p. 37)

As organizações constituem importante fonte de informação. O acesso às informações de uma organização pode se dar através dos indivíduos a ela ligados ou dos documentos que ela gera. Algumas organizações, por sua natureza, têm na divulgação de informações sua própria razão de ser. É o caso da maioria das organizações não lucrativas que produzem uma variedade de documentos que podem ser facilmente obtidos, muitas vezes gratuitamente.

A biblioteca também pode ser uma importante fonte de informação utilitária, sendo assim uma mediadora fidedigna, pois disponibiliza esse serviço com qualidade e confiabilidade, não dando grande margem a algum erro ou ruído informacional. Para isso, o bibliotecário tem de estar sempre informado e atualizado com os diversos assuntos para poder repassar ao seu consulente a informação claramente, sem perigos de haver algum ruído.

Para Brigidi (2009, p.13) essa informação utilitária enquadra-se em fonte primária

Ao fornecer informações utilitárias, a biblioteca é um exemplo de fonte de natureza primária tipificada como fonte institucional. Entretanto, este mesmo tipo de informação fornecido oralmente por pessoas comuns, ou até mesmo pelo bibliotecário fora do contexto da biblioteca, enquadra esta pessoa que fornece a informação em um tipo designado como fonte pessoal.

As fontes primárias são as fontes de origem de uma informação. Bernardo, Nobre e Jatene (2004, p. 105) relatam que as fontes primárias “[...] disponibilizam os trabalhos originais, cabendo ao leitor o ônus de selecionar e analisar criticamente a validade de seus resultados.” Ou seja, as fontes primárias são fontes que precisam que se busque verificar, para se ter consciência da sua veracidade, pois na maioria das vezes são fontes que expressam ideias gerais de algo, alguém ou um grupo de pessoas. Podem entrar nessa categoria monografias, artigos de periódicos, publicações seriadas, relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, teses, dissertações, patentes, literatura comercial, normas técnicas, etc.

Já as fontes secundárias podem ser entendidas como um elo de ligação entre as fontes primárias e a pessoa que necessita da informação. Guinchat e Menou (1994) vem a classificar este tipo de fonte como “documentos secundários” ou de “segunda mão”, por não conterem informações originais, mas sim repetindo-as e/ou organizando-as. É o caso das obras de referência, como enciclopédias,

dicionários, manuais, bibliografias, revisões de literatura, catálogos, etc.

Esse tipo de fontes podem ser encontradas em bibliotecas, museus, centros de informação e também podemos as encontrar em algumas organizações.

Entre eles destacam-se as comerciais que fornecem informações úteis sobre elas próprias, seus produtos e/ou serviços, apesar de seu objetivo principal ser a obtenção de lucro. As educacionais, que prestam serviços na área do ensino e da pesquisa, como as universidades, produzindo grande quantidade de documentos técnicos, científicos, culturais e artísticos, promovendo avanços do conhecimento, em geral sem fins lucrativos. As internacionais que visam manter a colaboração entre diferentes nações, como a Organização das Nações Unidas (ONU); as não-governamentais, que trabalham para o bem público, como o Greenpeace; as oficiais, como o Senado Federal, que estão ligadas aos governos federal, estadual e/ou municipal e divulgam as funções legais e administrativas dos órgãos públicos para os cidadãos; e por fim as profissionais que estimulam o aperfeiçoamento de suas classes, como os Conselhos e as Associações Profissionais (BRIGIDI, 2009, p.14 apud DIAS; PIRES, 2005).

Já as fontes terciárias, segundo Cunha (2001, p.10) “têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo”. Eles funcionam como indicadores dos documentos de ordem primária e secundária, sendo facilmente confundida com outras fontes.

As fontes vistas até aqui são de grande aceitação até hoje, mas com o advento da internet podemos citá-la como o veículo informativo mais utilizado atualmente por disponibilizar todas as fontes de informação em um só local. Guimarães (2005, p. 159) fala sobre a internet como

um sistema de informação que tem por suporte uma rede global, que consiste em centenas de milhões de computadores conectados entre si, ao redor do mundo. Esses computadores trocam informações por meio de diversas linhas de comunicação [...] e devido a internet a sociedade vem se transformando de forma dinâmica e aparentemente, sem precedentes na nossa história. O governo, os negócios, as universidades e uma grande parte da população dos países desenvolvidos já começam a depender demasiadamente da internet. Uma parte significativa dos principais recursos, antes disponíveis apenas em bibliotecas, pode ser acessado hoje de forma online

A maior parte das fontes informacionais estão na rede de computadores, tudo acessível a um clique. Com a popularização da internet, hoje é possível encontrar até bibliotecas online, que podem ser acessadas gratuitamente, e possuem documentos em formato PDF para download. Esse apanhado de informações deve ser sempre verificado, filtrando as informações encontradas com cautela, verificando sua origem.

Entretanto, as fontes de informação vão muito além a parte científica. As diversas formas de expressão humana também enquadram-se como fontes de informação. Dentre essas, podemos citar a música, que

expressa e traduz uma forma de pensamento, sentimentos e valores coletivos de uma sociedade numa determinada época num determinado local. Desta forma vemos que do ponto de vista histórico e cultural são de fundamental importância para a compreensão da informação do que uma música deseja passar, bem como o inverso, ou seja, o fato histórico e cultural pode também se beneficiar dessa produção musical. (SILVA, 2010, p. 16)

Blacking (2007, p. 201) também relata que

A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana. Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da “música”, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações.

Vemos que a música pode repassar a cultura de um povo, de uma sociedade, de uma época, um evento, uma manifestação. A música serve como caracterização

Toda música é um complexo que resulta da cultura à qual está inserida. Assim, toda música está referenciada à história, aos dados “sociopolítico-estéticos”, entre outros. Sendo assim, ressaltamos desde já: a música é informação. (VALENTE, 2005, p. 91).

Visto isso, podemos sim afirmar que a música é uma fonte de informação, pois ela traz enraizada em sua melodia e letra aspectos informacionais riquíssimos que podem servir de conhecimento. Conforme Blacking (2007, p. 202):

As fontes de informação mais acessíveis sobre a natureza da “música” são encontradas, em primeiro lugar, na variedade de sistemas, estilos ou gêneros musicais que são atualmente realizados no mundo. Segundo, nas gravações históricas de partituras escritas, na iconografia e nas descrições de performances.

No período ditatorial a música vinha como uma forma de protestar contra as arbitrariedades feitas pelos militares na época. Ela vinha como uma forma de mostrar ao povo, mesmo que de forma velada, o que se estava vivendo nos “bastidores” desse período.

Chico Buarque, Geraldo Vandré, e mais uma gama de artistas utilizaram

suas canções para, de modo implícito, denunciar a situação que o país vivia na referida época. Até hoje podemos ver em documentários, livros, artigos, entre outros, relatos do poder da música como uma forma de informar a população. Muitos desses relatos, focam na música e sua influência no eixo Rio-São Paulo porém, a música também era um meio disseminador de informação em todo o território nacional, incluindo o nosso estado, O Ceará.

2.1 O golpe de 1964 no Brasil

Falar de golpe militar é adentrar na própria história política dos estados-nações com vistas a uma inversão do poder por uma pessoa que investe de autoridade de maneira ilegal e de forma brutal. Esses golpes vêm sendo implementados em vários momentos históricos e, normalmente, são decorrentes de uma série de fatores, políticos, econômicos, sociais, etc.

Em meados dos anos 1900 o mundo inteiro ainda sofria devido à crise financeira de 1929, chamada de a Grande Depressão. Segundo Pongracic Júnior (2014):

Poucos eventos na história dos Estados Unidos tiveram o mesmo impacto que a Grande Depressão. O período entre 1929 e 1941 foi palco de mudanças substanciais nos cenários político e econômico dos EUA, tendo criado eventos balizadores como o fim do padrão ouro e a criação da previdência social. Foi um marco para a expansão do governo federal. A Grande Depressão foi responsável pela popularização da ideia equivocada de que economias de mercado são inerentemente instáveis e precisam ser gerenciadas pelo governo para evitar grandes flutuações macroeconômicas, isto é, ciclos econômicos.

Porém, as mudanças não foram vistas apenas nos Estados Unidos da América (EUA), a economia mundial pode sentir na pele os efeitos dessa crise. Pode-se ver altas taxas de desemprego, quedas no produto interno bruto, queda na produtividade industrial, entre outros. Com a economia estadunidense em queda, sem ter capital para investimentos, os outros países iam sofrendo sem ter seus produtos vendidos (Estados Unidos era o maior comprador).

Conforme Vicentino e Dorigo (2013), o mundo ainda estava vivenciando a crise de 1929, quando veio a eclodir em 1939 a Segunda Guerra Mundial. Quanto às causas desse conflito, podemos salientar que originou-se devido a ideia de Hitler de expandir os domínios territoriais da Alemanha e ampliar, desta forma, a obtenção de poder e recursos materiais (principalmente matérias-primas). Então,

somando os efeitos da Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, podemos concluir que a situação mundial, em todos os setores, estava caótica. E no Brasil não era diferente.

O Brasil, sendo produtor de café, tinha como melhor comprador os Estados Unidos, país mais atingido com a crise. Era o período do primeiro governo de Getúlio Vargas, após o mesmo ter encabeçado a Revolução de 30, e diversas mudanças viam acontecendo em todos os contextos do nosso país. A economia foi a mais afetada, como afirma Fonseca (2012, p. 845): “já permite detectar que a visão preponderante, em matéria de economia, era a diversificação, tanto da produção como da pauta de exportações – já firmando demarcação de campo com a candidatura situacionista, tida como “paulista” e “cafeicultora”

Em relação à Segunda Guerra Mundial, o Brasil ficou até 1942 sem tomar nenhuma posição, até que é pressionado pelos EUA a entrar na guerra. Defendendo a liberdade lá fora, e aqui dentro tendo uma ditadura, aos poucos o governo de Getúlio foi se desgastando, e ele perdendo o seu poder. Vargas sai do governo, mas volta em 1951. Volta com um governo pautado no populismo, o que gera desconforto nas classes mais altas, uma pressão em cima de Getúlio, o que o leva a cometer suicídio em agosto de 1954, deixando ao povo sua carta-testamento, em que afirma “Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.

Após os anos de Governo de Getúlio Vargas e todas as transformações presenciadas no Brasil em todos os âmbitos, vem a assumir o poder o mineiro Juscelino Kubitschek, um homem de visão inovadora e com visão de futuro. O governo Kubitschek veio com o slogan “50 anos em 5”, prometia fazer diversas mudanças no país. E não ficou só na promessa. Foram feitas diversas mudanças administrativas: criação do plano de metas (que priorizava a educação, energia, transporte, alimentação e indústria de base), abertura de rodovias, construção de hidrelétricas, criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), ampliação da produção petrolífera e a criação da nova capital do país, Brasília. (SILVA, 2015)

Porém, as grandes realizações feitas pelo presidente deixaram o país em uma situação financeira complicada. A economia ia de mal a pior, o Brasil contraiu dívida externa, a inflação aumentou a longos passos e os trabalhadores

iam perdendo poder de compra.

Quanto aos pontos negativos do seu governo pode-se citar a grande presença do capital externo, o que torna o Brasil dependente às nações "desenvolvidas"; houve no seu governo um grande aumento dos gastos públicos; O governo JK também deixou aos seus sucessores a alta da inflação e o grande aumento na dívida externa e do balanço de pagamentos. (VELOSO, 2008)

O país vivia nesse ambiente, quando novas eleições foram realizadas. De um lado, o marechal Lott, do outro Jânio Quadros. Esse segundo foi eleito, juntamente com seu vice, João Goulart (Jango). Jânio Quadros, cuja o slogan da campanha era "Varre, varre, vassourinha", prometia varrer a sujeira do poder público e combater a corrupção. Também alegava que iria abrir a economia brasileira para o investimento estrangeiro e dizia-se contrário ao comunismo porém, não foi possível ver isso em seu mandato. Jânio deu privilégio a economia de investimentos internos, reatou aliança com a União da República Socialista Soviética (URSS) e países comunistas, como a China, além de vir a dar a condecoração A Ordem do Cruzeiro do Sul para o cubano Che Guevara. (VICENTINO; DORIGO, 2013)

Não tardou muito para que a União Democrática Nacional (UDN) se revoltasse contra ele, acusando-o de abrir as portas do país para influência comunista. Pressionado pelos políticos e sem apoio popular, Jânio pegou todos de surpresa com sua renúncia em agosto de 1961. Assume assim o poder seu vice, João Goulart.

Vicentino e Dorigo (2013) nos relata que na ocasião da renúncia do presidente, Goulart não estava no Brasil, e a UDN veio a se unir para não permitir que o vice viesse a tomar posse, acusando-o de ser um perigo comunista. Porém, o governo do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, organizou a Frente Legalista que garantiu a posse de Jango, que prometeu que viria a governar o país através do parlamentarismo.

João Goulart implantou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, reforçou o nacionalismo, o investimento interno, defendia a redução da dívida externa, da inflação, bem como a distribuição das riquezas nacionais para os trabalhadores. Jango também anunciou as reformas de base, que nada mais eram do que medidas para contemplar a questão agrária, educacional, eleitoral, tributária e urbana. Também aprovou a Lei de Remessas de Lucros, que limitava o envio de

lucros das empresas multinacionais para seus países de origem.

Temendo perder os privilégios, já que o presidente visava a beneficiar os trabalhadores, os grandes empresários se reuniram em uma manifestação intitulada Marcha da Família com Deus pela Liberdade, organizada pela igreja católica. Em contraponto, os trabalhadores decretaram greve em manifestação de apoio ao governo. Era 31 de março de 1964, quando explodiu a rebelião das Forças Armadas em Minas Gerais e logo se alastrou por todo o país. Estava decretado o golpe militar de 1964 (VICENTINO; DORIGO, 2011). Podemos definir golpe como “Ação artilosa; em que há tramas; Resultado que traz consigo a genialidade de alguém; Situação ou acontecimento que não foi previsto; Ação de excluir ou de acabar com algo ou com alguém” (FERREIRA, 1975, p. 692). Nesse caso, foi presenciado um golpe de estado, definido como “Violação das formas constitucionais realizada pelo próprio governo” (DINIZ, 2008, p. 728). Jango abandona a presidência em 1º de abril, e no dia 2 exila-se no Uruguai. Os militares intitularam esse episódio como Revolução Redentora.

Observando essa realidade em que o Brasil se encontrava, Napolitano (2011, p. 215), afirmando que:

Ainda em relação ao golpe, parece-me claro de que se trata de um golpe civil-militar, com tem enfatizado a historiografia atual, que se transmuta em um regime militar. Entretanto, ainda seria necessário aprofundar o papel ativo do Congresso (ou melhor, de forças hegemônicas nesta instituição do sistema político brasileiro) na transformação do levante militar de 31 de março em golpe de estado, culminando no episódio da “vacância da Presidência” e da eleição do General Castelo Branco em 9 de abril.

Com o golpe militar, foi deferido o Ato Institucional 1 (AI 1) que decretava:

realização de eleições indiretas para presidente da República em um prazo de dois dias a contar da publicação do ato e de eleições diretas em outubro de 1965; fortalecimento dos poderes do presidente, que poderia apresentar emendas constitucionais ao Congresso e aprová-las por maioria simples, suspender temporariamente os direitos políticos de qualquer cidadão por dez anos, em nome de “interesses nacionais”, e decretar estado de sítio sem a autorização do Congresso; suspensão temporária da estabilidade dos funcionários públicos (VICENTINO; DORIGO, 2013, p. 198).

Diversas pessoas vieram a ser presas e seus direitos políticos foram cassados, por serem contrários ao poder militar. Foram feitas eleições indiretas, e o marechal Castello Branco veio a ser o presidente da república. Nesse período as

relações com Cuba foram cortadas e a aliança com os Estados Unidos foi intensificada. Também foi de criação do presidente o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), Banco Central e o Conselho Monetário Nacional.

Foi durante o governo de Castello Branco que se pôs em prática o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), o qual previa:

o combate ao déficit público: proibiu-se aos governos estaduais a emissão de títulos sem prévia autorização do governo federal; procurou-se combater os gastos excessivos das empresas estatais, tornando-as rentáveis, o que determinou um aumento nos preços dos produtos e serviços oferecidos por essas empresas [...] Em seguida, os impostos foram aumentados, obtendo-se um equilíbrio entre a receita e as despesas do governo. O objetivo seguinte era normalizar a oferta de crédito, ou seja, de empréstimos bancários. As elevadas taxas de inflação inviabilizavam a existência de crédito de longo prazo, uma vez que o valor das parcelas da dívida tendia a ser corroído pela inflação, gerando prejuízos para os credores (VICENTINO; DORIGO, 2013, p. 199).

Sob o primeiro governo de um presidente da era militar foi criado o Serviço Nacional de Informações, o qual tinha o dever de informar ao presidente tudo o que viesse a acontecer em território nacional, para que medidas pudessem ser tomadas. Começava aí a era da censura.

2.1.1 Legitimação da censura

Desde o seu início, com marechal Castello Branco, o governo militar vinha dando seus indícios de censura. Começou com o Serviço Nacional de Informações e foi se intensificando com o tempo. Como Chaffe (2009, p. 20), relata:

A circulação da informação na época do regime militar era rigidamente controlada, a censura imperava em detrimento da liberdade de pensamento. Qualquer documento que fosse considerado uma ameaça ao Estado instituído era apreendido como material subversivo e banido de circulação.

Entende-se censura como uma análise, feita por censor, de trabalhos artísticos, informativos etc., com base em critérios morais ou políticos, para julgar a conveniência de sua liberação à exibição pública, publicação ou divulgação. (FERREIRA, 1975)

Castello Branco instaurou o Ato Institucional 2 (AI-2) em outubro de 1965, o qual previa que fossem dissolvidos os partidos políticos e conferia ao

executivo poderes para cassar mandatos e decretar estado de sítio, além de instaurar as eleições indiretas para presidente e o bipartidarismo, onde competia ARENA e MDB. Com o AI-2 Castello transferiu os processos políticos para a Justiça Militar. Deu assim o primeiro grande passo no processo de militarização da ordem política nacional.

Com medo de perder o seu poder nos estados brasileiros, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o marechal edita em novembro de 1966 o Ato Institucional 3 (AI-3), que instaura as eleições indiretas para governador. Um mês depois o Congresso é convocado através do AI-4 para a elaboração de uma nova Constituição, a qual predominava os valores e interesses militares, como afirma Sthephanou (2001, p. 53) “As forças armadas, [...], tendem a valorizar e acentuar suas características peculiares, como vestimenta, normas de comportamento, símbolos. Criam, como instituição, valores próprios”.

Em 1967 é promulgada a Constituição Federal, que vetava, entre outras coisas, a publicação de livros e periódicos que fossem considerados de subversão a ordem, e manteve todas as punições já previstas nos atos institucionais anteriores. Ainda conforme Stephanou (2001, p. 53)

O perigo do domínio militar na sociedade está quando os militares se vêem como a reserva moral da nação, ou quando confundem os objetivos e valores específicos, da instituição, com os de toda a sociedade, tentando impor o particular ao todo social.

Em março de 1966, Castello Branco sai do poder e assume o, também, marechal Arthur da Costa e Silva. Apesar de o país desenvolver-se grandemente nesse período, através da indústria e exportação, as manifestações contrárias ao governo e os movimentos sociais foram se intensificando. A pressão militar também se intensificou, sendo um fato marcante a prisão de integrantes da União Nacional dos Estudantes (UNE). Tudo viria a piorar em dezembro de 1968 quando, no governo de Costa e Silva, foi decreto o AI-5, o ato institucional mais brutal da ditadura militar.

O AI-5 consistiu inicialmente em uma represaria ao discurso do deputado Márcio Moreira Alves, na Câmara dos Deputados (discurso em que ele propunha o boicote ao militarismo instaurado). Esse ato dava maiores poderes ao presidente, uma liberdade controlada, a proibição em se andar em determinados locais e intensificava a censura na música, cinema, arte, teatro, entre outros. Foram

anos de terror em que pessoas foram torturadas, expressões artísticas censuradas, e tudo isso para manter a boa imagem do governo militar perante a massa.

Através do AI-5 a imprensa passou a ser censurada, e diversas personalidades foram presas, torturadas e exiladas. O país começa a sentir o efeito de um governo que faria de tudo para manter a “ordem”. (VICENTINO; DORIGO, 2013).

A censura, que antes era velada, agora estava oficialmente decretada, e toda a produção cultural da época seria afetada por isso. Os equipamentos culturais e midiáticos passam a viver dias de terror, terror esse que perdurou por dez anos até o fim do AI-5.

2.1.2 A censura em equipamentos culturais e midiáticos

Os efeitos da censura poderão ser sentidos nas mais diversas vertentes da sociedade da época. Equipamentos culturais e midiáticos foram, em sua grande maioria, vítimas do regime. Estamos falando da televisão, do rádio, do cinema e da biblioteca como equipamento cultural.

A televisão vivia a sua época de ouro, vinha se popularizando e tomando espaço no dia-a-dia do povo brasileiro. Já com o governo ditatorial em exercício, Roberto Marinho inaugura em 1965 o seu canal 4, a Rede Globo de Televisão. A Globo foi se consolidando como o canal de televisão mais assistido pela massa, principalmente por suas novelas. Novelas essas que, apesar da alta diretoria da emissora estar do lado do regime ditatorial, sofreram censura, algumas antes mesmo de ir pro ar.

Até 1970, a produção de telenovelas tinha sido deixada de lado pelos censores, por eles não identificarem elas como formadoras de opinião. Com o sucesso de Irmãos Coragem (1970), no mesmo ano, assistir novelas virou hábito cotidiano da família brasileira. Essa identificação da nação com as telenovelas fez com que os ditadores focassem seu alvo nas sinopses das mesmas. (SIEGA, 2007).

Dias Gomes foi um dos autores de novela mais perseguidos pela ditadura. Assumidamente de esquerda, teve de assinar sua primeira novela para a Globo “A ponte dos suspiros” (1969) com o pseudônimo de Stela Calderón. O golpe mais duro que a ditadura deu a Dias Gomes, foi a proibição total da novela Roque

Santeiro (exibida apenas em 1985), produzida para ser exibida em 1975, e que foi vetada pelos censores (SIEGA, 2007). Após dez anos foi que a novela pode ir ao ar. A censura não agia apenas no cunho político, mas também em cunho moralista, querendo sempre manter a “ordem e os bons costumes” da família brasileira.

O rádio também não passou despercebido pela censura. Mesmo com o surgimento e popularização da televisão, ele ainda teve seus dias de auge até o fim dos anos 70, sendo transmissor de notícias, radionovelas, e o principal meio de propagandas e pronunciamentos do governo.

Era através do rádio que as pessoas sabiam as principais informações muito mais rápido que pela televisão. Através das programações radiofônicas, o povo brasileiro ficou informado da movimentação militar contrária ao governo de João Goulart. Foi em um pronunciamento no rádio que o deputado Rubens Paiva fez um discurso pedindo que as pessoas resistissem ao golpe. (SODRÉ, 1983)

Após o golpe, as rádios Nacional e Mayrink Veiga intervenção do regime militar. A Hora do Brasil era utilizada para exaltar os feitos governamentais. As rádios estrangeiras eram um caminho importante para obter informações que não passavam pelo restrito crivo militar. A rádio Tirana da Albânia teve papel chave para informar a população sobre a guerrilha do Araguaia.

Nos anos 70 surge a rádio FM, que vinha com a proposta da musicalidade para as transmissões radiofônicas, passando a atender públicos específicos. Porém, a rádio AM ainda era, nessa época, bastante utilizada sendo o principal veículo de comunicação da direita.

Saindo dos equipamentos midiáticos, nos deparamos com a censura afetando os equipamentos culturais, principalmente o principal equipamento de disseminação da informação: a biblioteca. A censura às bibliotecas pode ser entendida como:

Um conjunto (político) de ações de cunho governamental, organizacional, individual e/ou coletivo de privar alguém do acesso a um determinado serviço ou produto, incide sobre algumas tipologias fundamentais: governamentais, de organizações públicas, de organizações privadas, censura individual (censura da comunidade de usuários), censura coletiva (no âmbito de grupos institucionalizados ou movimentos sociais) e autocensura (censura de bibliotecários e profissionais ligados a bibliotecas que inviabilizam o acesso à informação). (CARVALHO, 2014)

As bibliotecas como alvo da censura foram equipamentos silenciados dentro das organizações. Podemos destacar aqui o papel das bibliotecas

universitárias, onde "as medidas repressivas do regime atingiram em cheio os seus alicerces, apesar da resistência tanto do movimento estudantil como dos servidores e professores" (CHAFFE, 2009, p.19).

As bibliotecas, na época, seguiam as mesma vertente político-ideológica do governo em exercício, sendo "marionetes" do regime, e sofrendo censura caso alguma ação cultural ou alguma obra do acervo não fosse agradável aos olhos dos censores. Quanto a questão da seleção com a censura, podemos afirmar:

A postura de uma biblioteca não deve confundir seleção com censura. Embora esta linha seja muito tênue, é preciso considerar que a censura é comumente imposta de cima para baixo sem considerar as necessidades de informação dos usuários (do governo para a população ou da instituição para o profissional ou da instituição para o usuário ou ainda do profissional para o usuário), pois não pensa uma política de coleções de forma democrática e interacionista. (CARVALHO, 2014)

Podemos afirmar, que no período militar as bibliotecas foram alvo frequente dos censores. Como órgãos disseminadores da informação, eram a principal forma do povo se informar, vista assim pelo governo como uma ameaça a sua política de "ordem e progresso".

2.2 Música: "arma" de protesto da ditadura militar

Se observarmos a cultura brasileira é possível perceber que a música, tal qual o futebol e a dança, está presente no cotidiano do brasileiro, independentemente de Região, Estado ou Cidade, configurando-se como um elemento de brasilidade.

A música era algo que vinha presente na vida dos brasileiros há muitos anos. Começou com as músicas originárias de outros países, com a ascensão de Carmem Miranda no cenário internacional com sua brasilidade e com o rock de Elvis Presley (KERBER, 2005). O cenário brasileiro vinha sendo influenciado pela Bossa Nova, originada nos anos 50, tendo como expoente João Gilberto, e como representantes Vinícius de Moraes, Nara Leão, Toquinho, Maísa e outros. Vindo das raízes da Bossa Nova, surge em 1965, já no regime militar, a MPB, encabeçado pelo jovem Chico Buarque de Holanda. Esse seria o principal alvo da censura nos anos vindouros.

Antes mesmo da deflagração do AI-5, a censura já vinha fazendo suas vítimas. Gilberto Gil, Caetano Veloso e Geraldo Vandré, eram comumente

chamados para esclarecimentos. Gil e Caetano eram precursores do estilo musical que viria se chamar Tropicalismo, vinha com uma pegada mais característica da Paris de 1968, porém os militares não viam por esse lado, achando que os mesmos e suas composições eram ameaças para a ordem e os bons costumes. Os ditadores perseguiram Caetano Veloso e Gilberto Gil pela irreverência que eles tinham, os exilando em Londres de 1969 a 1972 (MOURA, 2012).

Porém, ao retornar o exílio, Caetano e Gil ainda foram perseguidos pelos censores. Em 1973, a música “Deus e o Diabo” (1973), de composição de Caetano, sofreu censura por dois fatores: primeiramente pelo verso “dos bofes do meu Brasil”, sendo preciso colocar palavra pulmões em substituição à bofes; e o verso “o carnaval é invenção do diabo que Deus abençoou”, acusado de ser ofensivo as tradições religiosas.

Elis Regina também foi um grande incômodo para a ditadura. Foi ela a intérprete da canção “Agnus Sei” (1981), em que se encontra o seguinte trecho “ah, como é difícil tornar-se herói / só quem tentou sabe como dói / vencer satã só com orações...”, que segundo Palmar (2012) Satã seria a ditadura. Vencê-la só com orações seria as canções, livros, peças da época, e isso não seria tão fácil como poderiam imaginar aqueles que pegaram em armas e partiram para a clandestinidade. Elis foi chamada a dar esclarecimentos ao exército brasileiro em forma de carta, a qual está anexada a um documento que tinha como título do nome da cantora e continha informações sobre a mesma (Anexo A).

Geraldo Vandré também foi um alvo frequente da censura. A música “Pra não dizer que não falei de flores” (1968), conhecida como Caminhando, tornou-se um hino contra a ditadura, sendo censurada e proibida de ser tocada até a assinatura da Anistia em 1979, Vandré ficou exilado entre os anos de 1969 e 1973, e nunca mais conseguiu recuperar sua carreira.

Após silenciar Geraldo Vandré, a censura elegeu seu novo e mais popular alvo: Chico Buarque de Holanda. Ele foi o cantor mais censurado do período militar, tendo músicas censuradas tanto por serem de cunho político, como por irem contra a moral e os bons costumes. Sua história com a censura começa em 1966, quando a música “Tamandaré” foi censurada após seis meses de veiculação no espetáculo musical de Odete Lara e MPB 4.

Ficou exilado na Itália durante um ano (1969-1970), e após voltar ao Brasil foi permanentemente perseguido pela ditadura. Em 1970, Chico escreve a

música “Apesar de Você” (1970), que passa pelos censores, é aprovada e gravada. Algum tempo depois, após uma notícia em um jornal afirmar que a música era dedicada ao presidente Médici, a mesma foi vetada nas rádios, a fábrica da Phillips foi invadida para poder recolher todos os discos, logo após uma ordem expedida pelo Inspetor Eduardo Henrique de Almeida (Anexo B). Em 1973, a música “Cálice” (1973) foi vetada pelo regime ditatorial, por conter conteúdo subversivo em sua composição (PALMAR, 2012).

Vendo que seu nome já era alvo fácil na mira dos censores, Chico Buarque resolve adotar pseudônimos para assinar suas letras.

Em 1974, a canção “Acorda Amor” foi lançada no álbum “Sinal Fechado” do Chico Buarque. O compositor apesar de ser autor da música, apresentou a canção à censura com o pseudônimo de Julinho de Adelaide e do Leonel Paiva. A utilização desse pseudônimo se deve ao fato de Chico não conseguir mais publicar suas composições, segundo o cantor a cada três canções suas enviadas à censura, duas eram censuradas (MAIA, 2011, p. 21).

Chico viria a gravar e regravar músicas censuradas com o fim do AI-5, podendo assim fazer as críticas que foram caladas durante muito tempo.

Mas não só a música “elitizada” de Chico e companheiros que foi censurada. A música popularesca, também chamada de música brega, foi perseguida pelos ditadores. Canções como “Pare de tomar a pílula” (1970), de Odair José e “Severina Xique Xique” (1975), de Genival Lacerda, eram consideradas perigo eminente para os bons costumes. A música “Severina Xique Xique”, foi censurada não pelos militares, mas pela sociedade da época. (ARAÚJO, 2005).

Dentre os cantores bregas, Odair José foi o que sofreu mais com a censura. As músicas “O Motel” (1974) e “A primeira noite” (1974) foram vistas como de conteúdo imoral e impróprio para o consumo da população. Porém, sua música que mais teve repercussão e foi terminantemente censurada, foi “Pare de tomar a pílula”, onde os militares viam uma forma de incentivar a “libertinagem”.

Waldick Soriano também veio a ser alvo de perseguições:

Polêmico, Waldik Soriano, em 1973, numa entrevista ao jornal Zero Hora de Porto Alegre, defendeu a existência de grupos de extermínio e disse que Cristo para ele era um arruaceiro e enganador. A sociedade não gostou nada dessas declarações e vários setores se mobilizaram para derrubar Waldik. Deputados do Rio Grande do Sul da Arena (partido do governo militar) e do MDB (partido de oposição), uniram-se em pronunciamentos contra ele, deixando de lado, por um momento,

divergências entre os dois partidos. Eles defendiam a censura e o banimento de Waldik Soriano, esquecendo-se, os deputados do MDB, de que um dos principais itens do programa do seu partido naquele momento era exatamente a defesa da liberdade de oposição e de imprensa (). Waldik também sofreu censura da sociedade, em algumas cidades do interior do Brasil seus discos e pôsteres foram queimados em fogueiras armadas em praça pública. (ARAÚJO, 2005, p. 72)

No ano de 1974, Soriano teve sua música “Tortura de Amor” censurada, por a mesma conter a palavra “tortura”, que era de inadmissível uso no período do governo militar. A música tinha sido escrita nos anos 50, e regravada por diversos artistas, porém, foi na voz de Waldick que a mesma sofreu com perseguição. O maior sucesso de Waldick Soriano foi “Eu não sou cachorro não” (1975), e tornou-se uma das canções emblemáticas da época. Apesar de nitidamente não apresentar nenhuma crítica, com um olhar mais apurado, as mesmas aparecem.

A censora Eugênia Costa Rodrigues foi veementemente contra as músicas de Adoniram Barbosa. Sucesso nos anos 50, o cantor e compositor Adoniram ainda mantinha sua carreira nos anos 70, o que levou a gravar um CD com seus maiores sucessos em 1973 (decisão também tomada visando não arrumar problemas com a censura). O uso de termos coloquiais nas canções levou a maioria a ser vetada, inclusive a famosa “Tiro ao Álvaro” (1972), sob a acusação de “falta de gosto” (Anexo C). Mesmo diante a censura, Adoniram Barbosa não alterou sua obra, deixou para gravar (ou regravar) mais tarde, segundo ele “quando a burrice tivesse passado”. (PALMAR, 2013)

Entre os artistas “cafonas” que sofreram repressão, ainda pode ser elencado o caso de Luiz Airão. Formado em direito, Airão foi um dos principais críticos do regime militar, com letras que afrontavam o totalitarismo governamental. Um desses exemplos é a música “13 anos”, gravada em 1977, fazia alusão aos 13 anos de regime militar. Mandada ao departamento de censura, foi proibida, mas Luiz Airão mudou o título dela para “O divórcio”, mandou para outro departamento de censura, e a música foi aprovada. Porém, como Araújo (2005, p. 458) afirma no livro “Eu não sou cachorro, não” o general Fernando Belfort, não gostou nada da liberação, afirmando: “Vocês são todos uns calhordas! Olha só o que esse cara fez. Ele sacaneou todo mundo e ninguém viu (...) esse cara sacaneou todos nós e vocês deixaram” Porém os advogados da gravadora entraram em ação, e não permitiram que a música fosse censurada.

Wando também usou de sua música para criticar a sociedade da época.

Suas obras focavam mais na questão social, nos marginalizados e moradores de aglomerações públicas. Porém, essas músicas “brega” eram muitas vezes ignoradas pelos militantes. Por não as conhecerem, e não serem consideradas da MPB, diversas canções com cunho crítico foram deixadas de lado. Canções que poderiam ser hinos de uma época, foram apenas ignoradas.

Em contra partida as canções de protesto, viam aquelas com cunho nacionalista, de orgulho pela nação e seu estado. A essa onda dá-se o nome de ufanismo. Segundo Ferreira (2010, p. 1424) “ufanismo é a atitude ou posição tomada por determinados grupos que enaltecem o potencial brasileiro, suas belezas naturais e riquezas”. O ufanismo era pregado pelo governo, com campanhas onde procuravam mostrar um Brasil sem problemas, onde só se vivenciava a era do desenvolvimento em todos os setores nacionais. Seguindo essa vertente, artistas usavam suas criações para exaltar as belezas nacionais em meio a um período politicamente conturbado.

A dupla Dom e Ravel foram taxados de “artistas ufanos” por gravarem a música “Eu te amo meu Brasil”, em 1970, em meio a vitória do Brasil na Copa do Mundo de futebol, mas ainda com o país politicamente ditatorial.

“A composição traz implícita a ideologia do nacionalismo ufanista, característico dos regimes autoritários, mas ao recordar o tema Dom afirma que ele é resultado de influências da época, do que estava vendo e ouvindo nos rádios, nas propagandas e nas ruas [...] diversos compositores, das mais variadas tendências da música, produziram mensagens que, em maior ou menor grau, se harmonizavam com a atmosfera desejada pela propaganda oficial do regime” (ARAÚJO, 2005, p. 217).

Ivan Lins, que compôs diversas canções de protesto, também entrou na onda ufanista quando apresentou-se no V Festival Internacional da Canção, com a música “O amor é o meu país” (1970). Com fama de artista alienado, para os manifestantes, logo Ivan Lins ganha as graças da massa, e passa a ser o queridinho das aberturas de telenovelas globais, começando com a série “Malu Mulher” (1978), e vindo até os dias atuais.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a transcrição das entrevistas, passamos a analisar os achados da pesquisa observando os objetivos propostos. Visando melhor entendimento sobre os resultados estruturamos a análise em cinco (05) categorias, a saber: entendimento sobre a sociedade da época e a música como fonte de informação; tipos de músicas que escutavam no período como fonte de informação; identificação das mensagens subliminares; influencia da música do eixo Rio-São Paulo no contexto cearense; personagens símbolos do período da Ditadura Militar.

a) Entendimento sobre a sociedade da época e a música como fonte de informação

Observando o contexto histórico já relatado nesse trabalho, podemos notar que o mundo vinha de momentos turbulentos iniciados com a Primeira Guerra Mundial, passando pela crise de 1929, sem esquecer da Segunda Guerra Mundial. Além desses eventos, pode ser citada a Revolução Russa e a demorada Guerra Fria, como citado pelo entrevistado B “a revolução russa no início do século que impulsionou, principalmente aqui na América Latina a luta dos contrários à Guerra Fria”. Dentre esses eventos, vemos com maior influência a Guerra Fria, a polarização do mundo em duas potências, Estados Unidos da América (EUA) e a União da República Socialista Soviética (URSS), disputando a hegemonia política, econômica e militar no mundo. Essa divisão do mundo em dois polos desencadeou uma série de pequenos conflitos, principalmente na América Latina.

No Brasil, o presidente João Goulart vem sofrendo oposição dos empresários e militares por implantar as reformas de base que beneficiariam os menos favorecidos, pois eles achavam que essas reformas seria o pontapé inicial para uma “esquerdização” do país (VICENTINO; DORIGO, 2011), o que já vinha acontecendo em outros lugares da América, conforme salientado pelo Entrevista B “foi essa intensificação da polarização; os “comunistas” de um lado e os conservadores de outro, temendo que o Brasil tomasse o mesmo caminho de Cuba [...] para o socialismo ou ‘comunismo’.”

Pode-se identificar claramente o quanto o Brasil era um reflexo do que se estava acontecendo em âmbito mundial. A Guerra Fria influenciou diretamente

as diretrizes nacionais da época, sendo um dos estopins para a deflagração do Golpe Militar.

A sociedade vinha conhecendo aos poucos os avanços tecnológicos. A TV ainda vinha sendo difundida. Era a era do rádio. Radionovelas, festivais de música, programas, simplesmente tudo poderia ser encontrado nas emissoras de rádio, conforme observamos o relato do entrevistado A, que diz “Nós não tínhamos muito estudo, e nem muita informação. Televisão foi uma coisa que só fui ver perto de 1980. No rádio, escutávamos muitos programas musicais e as propagandas do governo.” Mas, mesmo com a era do rádio, muitas pessoas ainda não tinham acesso a informação, por morar em regiões rurais e onde os sinais eram difíceis de pegar.

A informação que já era quase nula naquela época, se tornava ainda mais escassa para aqueles que não residiam nos grandes centros urbanos. Também era uma época em que a liberdade, seja de expressão ou a física, muitas vezes era detida pelas próprias famílias, onde o tradicionalismo imperava. Tal fato pode ser ratificado na fala: “Eu lembro que minhas irmãs mais velhas e eu não podíamos sair de casa depois das nove sem ser acompanhada por um de nossos irmãos. Os pais não davam tanta liberdade como hoje.” (Entrevistado A)

Essa falta de informação fazia com que a massa populacional não soubesse de fato o que estava acontecendo no contexto político, econômico e social do nosso país. Era como se tudo seguisse o seu “eixo normal”. A ditadura, denominada por seus defensores como Revolução Redentora (NAPOLITANO, 2011), não era vista pela grande maioria da população como era por aqueles que tinham acesso a informação. A fala de A vem ao nosso encontro

Lembro que ouvi uma vez ou outra meu irmão (que estava estudando para ser professor) falar sobre essa coisa de ditadura, mas ninguém aqui falava disso não. Até certa época, eu não sabia o que era essa ditadura. Não sabia o que isso queria dizer. [...] Aqui no interior, as coisas eram calmas. Ninguém manifestava nada. Ninguém sabia de nada.”

Com tudo isso vemos que a sociedade da época, em sua grande maioria, não tinha conhecimento do que estava acontecendo. A informação não era difundida. Os meios de comunicação eram ferramentas do governo para disseminar as “maravilhas” feitas no país e o nacionalismo exacerbado defendido pelos militares. A censura prévia, intensificada com o AI-5, fazia com que a maior parte das informações, seja em qualquer meio não pudesse chegar ao povo. A

censura era geral, seja em meios de comunicação ou expressões culturais.

b) Tipos de músicas que escutavam no período como fonte de informação

Música é informação. Muito mais do que isso, música é comunicação. As letras de músicas trazem mensagens que tocam, emocionam e alegam as pessoas. Mais do que isso. Através das músicas é possível conhecer uma época, ter ciência dos acontecimentos de um período. E isso não foi diferente no período que compreende a ditadura militar. (SILVA, 2010)

A música daquela época, em muitas vezes, descrevia a sociedade e além disso trazia denúncias do autoritarismo do governo, apesar de muitas vezes tais obras nem chegarem ao conhecimento do público. As músicas passavam pela censura e só eram liberadas caso não fosse encontrado nenhum vestígio de protesto, crítica ou palavras consideradas de baixo calão.

Essa censura a muitas obras fez com que muitas canções e seus autores não tivessem o sucesso merecido, estando na mídia apenas aquelas obras que, de uma forma geral, alienava a população, não a deixando ciente do que o Brasil vinha passando.

Nessa época, o país ainda recebia muita influência dos EUA, mas já possuía um grande expoente em sua música tradicional, como salienta o entrevistado B “acompanhava nesse período o rock internacional, principalmente os artistas norte-americanos, mas também a música brasileira tradicional.”, a música internacional chegava aqui através do meio de comunicação mais difundido da época, o rádio, conforme o entrevistado B informa “Na época existia um rádio potente, chamado transglobo, que escutava emissoras de rádio de todo o mundo.”.

Com a música internacional e também com a música tradicional brasileira, a qual já começava a alçar voos internacionais, esse período foi marcado por muitos movimentos musicais impulsionados por essas duas influências. Tinha música para todos os estilos, gostos, ritmos e gêneros. Cada estilo vinha com suas estereotipações, como se pudesse definir alguém ou um grupo pelo que se escutava. Cada movimento tinha seu fundamentalismo, e em comum, tinham a ação da censura em suas canções, sendo que a maioria aderiu a alienação, consolidando assim o seu sucesso. (ARAÚJO, 2005)

A Bossa Nova, movimento de maior sucesso da época fez sucesso internacional, tornando-se o sinônimo da música brasileira. Foi a voz doce, ritmada e com um toque de calmaria dos artistas desse movimento que encantava a todos, e em suas letras ressaltavam as belezas nacionais e o amor. Logo, essas canções eram as mais tocadas nas rádios, ganhando o gosto popular, como relatou a entrevistada A “gostava muito da música Chega de Saudade, e pela minha lembrança foi uma das primeiras músicas que escutei na vida. O cantor vinha com aquela voz calma, relaxante, acompanhada de um violão.”.

Nas rádios, era a Jovem Guarda e seu principal nome, Roberto Carlos (sobre o qual falaremos mais especificamente no decorrer desse trabalho), que dominava as paradas de sucesso. Quando questionada sobre o que mais se escutava na rádio, a entrevistada A relata “Na rádio sempre escutei o Roberto Carlos, gostava de dançar aquelas músicas, a que mais lembro dessa época é a É proibido fumar. As músicas do Roberto Carlos eram muito diferentes das de hoje.”.

Os artistas da Jovem Guarda foram por muitas vezes acusados de alienados, de americanizar a música brasileira e de fazer descaso da situação que o Brasil vivia. Esse movimento era justamente a “menina dos olhos” do governo, pois tirava os olhos da sociedade das atrocidades que estavam acontecendo na época, com suas músicas dançantes e que traziam um pouco da cultura norte-americana para cá.

Além desses movimentos, surge no final dos anos 60 um movimento com influências parisienses, instrumentos afro-brasileiros, a guitarra elétrica e letras bem descritivas, surge o Tropicalismo de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse movimento trazia em suas canções uma crítica a situação política, a liberdade sexual, direitos humanos e ao capitalismo. Eles incorporavam em suas apresentações tudo que era considerado incomum e de mau gosto, soltavam críticas a outros movimentos musicais (principalmente a Jovem Guarda), influenciaram a moda e a cultura de uma época. O movimento durou pouco, pois seus expoentes foram presos e exilados logo após a homologação do AI-5.

Através dos movimentos musicais que surgiram na época podemos ver os acontecimentos da época. Da bossa nova com suas letras que exaltavam as belezas naturais, até o tropicalismo com sua pegada revolucionária e inovadora, vemos artistas querendo expressar através de suas canções as ideologias, crenças e costumes a que estavam vinculados. Vemos que a sociedade como um todo foi

influenciada por todo esse aparato musical. Podemos observar que durante o período ditatorial a música passou a ser ferramenta de protesto, manifestação a algo. Porém, também observasse que o governo usou de diversos artifícios para que a sociedade não pudesse ter acesso a essas canções. A música veio aí como uma rica fonte de informação, informação essa que nem todos tinham acesso.

c) Identificação das mensagens subliminares

Além dos movimentos musicais que foram surgindo no período ditatorial, nascia a vertente denominada como Música de Protesto. Através dessas canções os compositores faziam críticas ao governo, à situação social e economia do país. Eles aproveitavam a base musical já constituída nos outros movimentos, e colocavam as letras de cunho protestativo (BLACKING, 2007).

Esse movimento era mais conhecido pelos “recados” passados nas canções, do que pelo seu ritmo. Vendo o uso dessa ferramenta para denunciar as atrocidades que vinham acontecendo, e que não chegava aos ouvidos da população em geral, o governo estabeleceu a censura prévia para as músicas. As partituras e as letras eram submetidas a censores que iriam verificar a mensagem que cada canção de um álbum trazia.

Com a ação da censura, os compositores passaram a trazer suas críticas de uma forma mais velada, usando a poesia, figuras de linguagem e o duplo sentido. As mensagens passaram a morar nas entrelinhas, e na maioria das vezes só eram perceptíveis ao serem cantadas.

Por essas mensagens não estarem perceptíveis ‘logo de cara’, elas não eram identificadas pelo público, na maioria das vezes, como relata o entrevistado A “Posso até ter escutado alguma dessas músicas, mas não via nada de protesto e nada que dissesse o que estava acontecendo.”. Quanto a isso, o entrevistado B também afirma que “essas músicas [...] não eram de fácil identificação, porque eles usavam simbologias e códigos que não deixavam transparecer isso para o largo aspecto da social, devido a alienação da massa.”, acrescentando “Bom, talvez eu possa aqui estar minimizando o poder de interpretação do grande público, trazendo até uma visão conservadora, não sei Mas sei que muitas músicas não eram de fácil identificação.”

Porém, essas músicas de protesto muitas vezes não chegavam nem ao

conhecimento da população em massa, por serem censuradas antes mesmo de chegarem a ser gravadas. Porém, muitas das que chegavam a ser gravadas, eram divulgadas nas rádios, mas só eram ouvidas pelo público uma única vez, como foi observado pela entrevistada A “o que lembro bem era que tinha músicas que só se escutava uma vez no rádio, e depois nunca mais.”, já outras, quando estavam sendo executadas, eram retiradas do ar antes mesmo de seu término, como salienta o entrevistado B “o radialista recebia uma ligação para retirar a música, e caso não obedecesse era chamado para esclarecimentos.”

Com isso, podemos ver como o governo manipulava para que só chegasse ao povo, através da mídia, as informações que não mostravam o que estava realmente acontecendo. A censura fez com que a música de protesto passasse a ser algo silencioso, pois até quando essas obras eram liberadas pela censura sua mensagem não era de fácil identificação, o que contribuía mais para a alienação, sem contar que todo o aparato midiático concentrava-se nos movimentos que não vinha com essa vertente engajada, tornando a música de protesto ainda mais distante da sociedade em geral.

d) Influência da música do eixo Rio-São Paulo no contexto cearense

A influência do eixo Rio-São Paulo na extensão territorial brasileira sempre foi notório. Nesses dois estados concentram-se os maiores meios de comunicação em massa e a produção musical tinha sua maior concentração nesses locais, onde a maioria das gravadoras mantinham suas sedes (Entrevistado B).

Eram os sucessos que se consagravam lá que viam para cá, da mesma forma que uma música ao ser censurada lá, não se tomava nem conhecimento dela aqui, como manifesta o Entrevistado B “tem o fato de que quando o material vinha para cá, ele já teria sofrido censura lá no eixo Rio-SP, já que naquela época para um material ir de um estado para o outro levava um bom tempo.”.

Quanto aos movimentos musicais que aconteciam em nosso Estado, temos o Festival Massafeira Livre. Seguindo a linha dos festivais que aconteciam no Sudeste do Brasil, sendo a maioria televisionados, e influenciado pela onda de sucesso nacional que alguns cantores cearenses, o Massafeira Livre nada mais era do que um compilado de artistas cearenses, de diversos estilos e vertentes

artísticas, que queriam mostrar suas criações para o grande público (SOUZA, 2010).

Mesmo o Massafeira não incluindo apenas música, mas sim toda e qualquer expressão artística, era essa representação cultural que reinava. Porém, mesmo com todos os acontecimentos políticos, econômicos e sociais da época, os artistas cearenses, em sua maioria, não fizeram de sua música um veículo de protesto, como relata o Entrevistado B “muitos compositores não enveredaram pela música de protesto direto, até pelas dimensões que nosso Estado ocupava na época em termos de cultura nacional”.

Em comparação ao Eixo Rio-São Paulo, a ação militar nessa questão musical não era tão intensa aqui como era lá, segundo o Entrevistado B “Eu arrisco dizer que a ação dos militares aqui não era de tão grande escala como lá, não era tão atuante como lá. Existia sim a ação militar, porém, nessa questão musical, não via tanta ação como lá.”. Mesmo com ações mais amenas aqui no Estado, ainda era possível ver vez ou outra a censura sendo imposta “O que tive de ver foi uma ação militar em uma loja onde pegaram os discos e os arranharam, o que os impedia de tocar, pois ficavam “enganchando” na radiola”, relata o Entrevistado B.

Vemos que os acontecimentos ocorridos aqui no Estado tinham sua base nas manifestações artísticas ocorridas no eixo Rio-São Paulo, ciente de que os maiores acontecimentos residiam nesses dois Estados, como também a censura implantava suas ações com maior recorrência lá, fazendo com que diversas obras não chegassem nem ao conhecimento dos cearenses. A censura existia sim aqui, porém, era vista em menor escala em nosso estado, na questão musical.

e) Personagens símbolos do período da Ditadura Militar

Juntamente com os vários movimentos musicais que surgiram, os anos da ditadura também foram marcados pelo surgimento de novos artistas que abrilhantavam os festivais e rádios do país com suas vozes, fossem elas potentes ou suaves, dançantes ou calmas, engajadas ou não. Como já vimos anteriormente nesse trabalho, muitos cantores e compositores fizeram sucesso, muitos caindo no esquecimento popular após um tempo, outros tiveram suas carreiras prejudicadas (parcial ou totalmente) pela arbitrariedade do governo e outros cultivam o seu

sucesso até hoje.

É quase impossível falarmos de música na ditadura militar sem citar o nome de Chico Buarque de Holanda. Um dos mais produtivos compositores do período ditatorial também foi um dos mais perseguidos, precisando sair do país para que não fosse preso e torturado. Suas canções não eram frequentemente escutadas em rádios, pois eram vetadas pela censura seja antes mesmo de gravar ou durante sua exibição. A maioria de suas músicas só puderam ser gravadas após a sua volta ao Brasil, como explica o Entrevistado B “Chico Buarque foi muito perseguido, exilou-se por anos, e teve a maioria de suas músicas gravadas após o ano de 1978, quando a censura estava ‘mais branda’.”

Seguindo também a vertente da música de protesto, temos o cantor e compositor Geraldo Vandré. Autor de muitas canções, a maioria músicas de protesto, ele tornou-se um dos símbolos da luta contra o regime militar após compôs e interpretar a música Pra não dizer que não falei de flores que trazia críticas escancaradas ao governo, tornando-se como um hino para aquela geração, conforme fala o Entrevistado B “eu elejo por simpatia Geraldo Vandré, que tem toda uma história de perseguições e torturas” e cita também a sua composição “ele compôs uma música que é considerado hino de uma geração que foi a Pra não dizer que não falei de flores. Então, pra mim, ele é um grande representante, pois tudo o que ele passou afeta até hoje sua vida.”

Ainda nos anos de terror, consolidava-se na mídia o jovem Roberto Carlos com seu estilo dançante e inspirado em Elvis Presley. Em 1964, ano de deflagração do regime, Roberto Carlos já fazia sucesso com sua jovem guarda e isso chamou a atenção dos militares, que trataram de trazer logo o cantor para o seu lado (ARAÚJO, 2005). Ele era o artista mais tocado nas rádios do Brasil, e perguntando a Entrevistada A podemos confirmar como ele era aclamado por aquela geração “Amava Roberto (Carlos) e ainda amo. Gostava do Tim Maia, Hyldon, Luiz Ayrão. Para mim a figura mais marcante mesmo da minha juventude (final de 60 e início de 70) foi o Roberto Carlos.”. Foi o artista mais convidado para cantar nas Olimpíadas do Exército, ganhou inúmeros honrarias do governo e ganhou até a concessão para uma rádio, porém sempre manteve uma postura nem favorável nem contra ao regime vigente.

E dentre essas figuras marcantes do período também podemos destacar Ednardo e Belchior. Os cearenses foram os artistas regionais que fizeram mais

sucesso fora do nosso Estado, como relata o Entrevistado B “No Ceará, destaco principalmente o Belchior, que hoje encontra-se desaparecido, mas foi uma grande figura da época. E o Ednardo também.”. E caracteriza as canções deles dois como “dentro dos padrões da época onde não se era de fácil entendimento a mensagem da canção.”.

Através da pesquisa bibliografia e das entrevistas é notório que os artistas de maior sucesso na época (pelo menos entre a massa populacional) eram aqueles que não adicionavam a suas canções algum tipo de protesto ou crítica ao governo. A censura vinha com o intuito de tornar público apenas aquilo que não ofereceria riscos ao governo que estava instaurado. As músicas de protesto eram vistas como ameaças a “ordem” que os militares tanto presavam. Aos ouvintes radiofônicos só era apresentadas as músicas que vinham como uma forma de alienação, não mostrando ao povo o que realmente estava acontecendo. As músicas de protesto eram censuradas e não chegavam ao conhecimento do povo, tirando deles o direito de poder ter informação.

4 CONCLUSÃO

Compreende-se que as fontes de informação são todos os materiais que mostram a sociedade um acontecimento, contribuindo para a produção de conhecimento útil para a humanidade. A informação pode ser repassada a seu usuário através de diversas plataformas, cada qual destinada a um público alvo. A música enquadra-se como uma fonte de informação por conter em sua essência elementos que caracterizam e contam a história de uma época, ressaltando o estilo daquela geração e com letras carregadas de componentes históricos e críticas aos mais diversos âmbitos sociais.

E é exatamente o papel da música como fonte de informação que vemos no período da ditadura militar no Brasil, compreendida entre os anos de 1964 e 1985. Os compositores da época utilizavam a música para criticar e denunciar as atrocidades que aconteciam no governo, tentando informar o povo das ações truculentas da ditadura, porém a maioria dessas músicas sofria com a ação da censura, o que as impedia de chegar ao conhecimento do grande público. Mesmo com a censura, a música ainda sim caracterizou o período ditatorial, o qual teve diversas vertentes musicais, cada uma focada em um objetivo. Observando todo esse contexto histórico, a pesquisa pautou-se na seguinte problemática: Qual o papel da música como fonte de informação no período da ditadura militar no Estado do Ceará?

Para poder responder a essa problemática utilizou-se três (03) objetivos específicos que geravam dados e análises que subsidiaram a resposta. O primeiro objetivo se propunha a “pesquisar qual a visão da sociedade, em seus diversos âmbitos, quanto a influência da música como fonte de informação”, o qual foi alcançado, reiterando a ideia de que a música é sim uma fonte informacional, podendo ser extraído de suas letras elementos que contam a história da época, denunciando muitas vezes a ação ditatorial dos militares, e também censurando e deixando só chegar ao conhecimento da grande massa músicas que ‘alienava’ o povo.

O segundo objetivo, “analisar os impactos que as letras de protesto causavam na sociedade da época”, foi alcançado mostrando-nos que as músicas eram uma das formas mais eficazes da sociedade em geral poder entender o que estava acontecendo na questão política, econômica, histórica e social do país,

mesmo muitas vezes essa fonte de informação não chegando ao conhecimento do público.

Isso leva-nos ao terceiro e último objetivo que visa “pesquisar a dificuldade da disseminação da informação do período militar no Estado do Ceará”, onde foi possível ver que a maioria das músicas de protesto não chegavam a ser divulgadas para o grande público, sendo censuradas previamente ou retiradas das transmissões de rádio quando estavam sendo executadas. Sendo assim, só chegava aos ouvidos da massa populacional as músicas que não possuíam em suas letras denúncias aos horrores do período, deixando a população de certa forma alienada a situação que o país estava vivendo.

Com os objetivos alcançados podemos extrair que a música consiste em uma fonte de conhecimento eficaz na sociedade, transmitindo aos seus ouvintes informações através de suas letras. Sabendo desse poder das canções, os militares usavam da censura para que as denúncias contra o seu poderio não fossem levadas a público, privando toda uma geração de apreciar obras belíssimas e de ter acesso aos acontecimentos do período. Porém, hoje essas músicas nos trazem informações preciosas dos anos de tortura em nosso país, relatando-nos as atrocidades da época e nos deixando cientes do contexto social, histórico e econômico que se podia presenciar, mas não se podia disseminar ao povo.

Através das entrevistas que compuseram a pesquisa, foi possível ver como realmente a informação era privilégio de poucos nos vinte e um anos de poder militar no Brasil, tornando a população em sua grande maioria alienada, não tendo ciência do que estava a acontecer.

Os resultados da pesquisa ressaltam que a informação pode ser encontrada em toda plataforma, abrangendo os diversos públicos, independente do período em que foi produzida. A música, mesmo não sendo uma fonte tradicional de informação, mostra-se com um papel importantíssimo dentro da questão informacional, podendo caracterizar um período, um acontecimento e um povo.

Antes de finalizarmos nossas conclusões gostaríamos de dizer que na realização desta pesquisa nos confrontamos com poucos obstáculos, destacando-se a dificuldade de extrair as informações precisas dos entrevistados, onde na maioria das vezes as informações requeridas não eram de conhecimento deles e .um registro informacional escasso relativo a questão musical no estado do Ceará.

Finalmente, estamos cientes que essa pesquisa não se encerra aqui, muito pelo contrário, nossa intenção é dar continuidade a essa pesquisa em estudos de pós graduação seja especialização ou mestrado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não**: música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2010. 7ª. Ed.

ARRUDA, Susana Margaret de. **Glossário de Biblioteconomia e Ciências Afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BARDIN, Laurence. 1995. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 104-108, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v50n1/a45v50n1.pdf>>. Acesso em: 16 jul.2016

BLACKING, John. **Música, cultura e experiência**. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), Brasil, v. 16, n. 16, p. 201-218, mar. 2007.

BRASIL. Instituto Evandro Chagas. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)**. Disponível em: <<http://www.iec.pa.gov.br/bvs/iec/>>. Acesso em: 14 set. 2016.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. 2009. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18712>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CAMPELLO, Bernadete, Santos. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, jan./jun. 1998, p. 35-46.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CAMPELLO, Bernadete, Santos. Organizações como fonte de informação. In: CAMPELLO, Bernadete, Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 35-48.

CARVALHO, Jonathas. **Censura à biblioteca**: Entre tipologias e ideologias. 2014. Disponível em: <<http://biblioo.info/censura-a-biblioteca/>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

CHAFFE, Bruna Abatti. **A ditadura militar no Brasil e o controle da informação**: relatos de censura nas bibliotecas da UFRGS. 2009. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de Informação:** um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. São Carlos: UFSCAR, 2005.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário jurídico.** São Paulo: Saraiva, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. A Revolução de 1930 e a Economia Brasileira. **Economia**, Brasília, v. 3, n. 13, p.843-866, set. 2012.

GIL. Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** Editora Atlas, São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Angelo de Moura. Internet. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às Fontes de Informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. **Introdução Geral às Ciências e Técnicas da Informação e Documentação.** 2. ed. Brasília, DF: 1994.

KERBER, Alessandro. Carmen Miranda entre representações da identidade nacional e de identidades regionais. **Artcultura**, Uberlândia, v. 7, n. 10, p.121-132, 2005. Semestral. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/viewFile/1288/1183>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MAIA, Luiana Pereira. **Ditadura Música e Chico Buarque.** 2011. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de História, História, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:

<<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2657/1/LuianaPerreiraMaia.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

MOURA, Roberto M. A censura e a música popular no Brasil. **Biblioteca Online de Ciência da Informação**, p. 1-5, 2012. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-roberto-censura-musica.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **Rac**, Curitiba, v. 15, n. 4, p.731-747, jul. 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro:** Apontamentos para uma revisão historiográfica. **Contemporânea: Historia y problemas del siglo XX**, Uruguay, v. 2, p.2009-217, 2011.

PALMAR, Aluízio. **Documento Confidencial do Exército sobre Elis Regina**.

Curitiba, 05 set. 2012. Disponível em:

<<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/documento-confidencial-do-exercito-sobre-elis-regina/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PALMAR, Aluízio. **Documento mostra censura da letra de “Tiro ao Álvaro”, de Adoniram Barbosa**. Curitiba, 09 mar. 2013. Disponível em: <

<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/documento-mostra-censura-da-letra-de-tiro-ao-alvaro-de-adoniram-barbosa/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PONGRACIC JUNIOR, Ivan. **A Grande Depressão de Acordo com Milton Friedman**. 2014. Disponível em:

<<http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/grande-depressao-acordo-milton-friedman/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Ana Karla Souza da. **A MÚSICA COMO FONTE DE**

INFORMAÇÃO: DÉCADA DE 80 CONTADA PELA BANDA PARALAMAS DO SUCESSO. 2010. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SILVA, Suely Braga da. **50 anos em 5: o Plano de Metas**. 2015. Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SODRÉ, Néelson. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, José Ednardo Soares Costa (org). **Massafeira: 30 anos Som, Imagem, Movimento, Gente**. Fortaleza: Aura Edições Musicais, 2010.

SIEGA, Paula Regina. A SEGUIR, CENAS DE UM REGIME MILITAR: POLÍTICA E PROPAGANDA NAS NOVELAS BRASILEIRAS DOS ANOS 1970. **Revista de História e Estudos Culturais**, Campinas, v. 4, n. 2, p.1-17, 2007. Trimestral.

Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.5.SECAO.LIVRE-PAULA.SIEGA.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. **Música é informação: música e mídias a**

partir dos conceitos de R. Murray Schafer e Paul Zumthor. In: SILVA, Rafael Souza (Org.). **Discurso simbólico da mídia**. São Paulo: Loyola, 2005.

VELOSO, Jardel Gonzaga. **Governo JK: Um estudo sobre o desenvolvimentismo e a economia no quinquênio (1956-1960)**. 2009. Disponível em:

<<http://www.webartigos.com/artigos/governo-jk-um-estudo-sobre-o-desenvolvimentismo-e-a-economia-no-quinquenio-1956-1960/14805/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2013. 288 p.

VILLASEÑOR RODRIGUEZ, Isabel. **Los instrumentos para la recuperación de la información**: las fuentes. In: TORRES RAMIREZ, Isabel de. Las Fuentes de Información: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1998. p. 29-37.

Vlado Educação – Instituto Vladimir Herzog. **Memórias da ditadura**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTAS

1. Como você definiria a sociedade da época?
2. E a questão musical? Qual tipo de músicas você escutava no período?
3. As mensagens subliminares pertencentes à muitas canções da época, eram de fácil identificação? Você lembra alguma delas? Lembra o que te chamou atenção?
4. Muito se fala dos compositores, artistas e canções contrárias ao período ditatorial no eixo Rio-São Paulo, mas como era essa questão musical aqui no Ceará?
5. Qual figura musical, na sua concepção pode ser símbolo desse período? Por que? Você citaria algum artista cearense?
6. Qual a gravadora a qual você era ligado e como era o dia a dia de uma gravadora aqui no Ceará?
7. Na história, escutamos casos de gravadoras que foram perseguidas e invadidas; um exemplo que podemos citar é da gravadora Phillips que foi invadida pelos militares que apreenderam todos os exemplares que continham a faixa Apesar de Você de Chico Buarque de Holanda. Então, como era a relação da gravadora com os militares aqui no Estado?

APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTAS (ENTREVISTADO A)

1. Como você definiria a sociedade da época?

Minha filha, era bem diferente dessa de agora. Eu lembro que minhas irmãs mais velhas e eu não podíamos sair de casa depois das nove sem ser acompanhada por um de nossos irmãos. Os pais não davam tanta liberdade como hoje. Lembro que ouvi uma vez ou outra meu irmão (que estava estudando para ser professor) falar sobre essa coisa de ditadura, mas ninguém aqui falava disso não. Nós não tínhamos muito estudo, e nem muita informação. Televisão foi uma coisa que só fui ver perto de 1980. No rádio, escutávamos muitos programas musicais e as propagandas do governo. Até certa época, eu não sabia o que era essa ditadura. Não sabia o que isso queria dizer. Sabe quando eu fui começar a suspeitar disso? Na época que aquele povo começou a manifestar, aí eu já tinha televisão e via tudo, mesmo sem entender nada no início. Aqui no interior, as coisas eram calmas. Ninguém manifestava nada. Ninguém sabia de nada. A distância entre as casas era de 1km/1,5km mais ou menos. Nem com vizinho a gente tinha conversa pra saber alguma coisa, e acho que eles sabiam o mesmo que a gente. De coisa de política, eu lembro só dos prefeitos aqui de Caucaia. Eles vinham aqui, prometiam uma ruma de coisa, e depois sumiam. Mas essa questão de ditadura, fui saber depois, quando eu vi na televisão, quando os meninos daqui (os filhos dela) começaram a estudar e a dizer sobre isso e perguntando para mim como era. Só que o que eles viam nos livros lá da escola, eu não presenciei aqui.

2. E a questão musical? Qual tipo de músicas você escutava no período?

Eu adorava escutar música. No rádio, nas festas que raramente tinha aqui por perto. Eu escutava de tudo. Gostava de dançar com meu pai, meus irmãos. Era muito bom. Lembro que para dormir, minha mãe cantava músicas e eu gostava tanto disso. Gostava muito da música Chega de Saudade, e pela minha lembrança foi uma das primeiras músicas que escutei na vida. O cantor vinha com aquela voz calma, relaxante, acompanhada de um violão. Na rádio sempre escutei o Roberto Carlos, gostava de dançar aquelas músicas, a que mais lembro dessa época é a É proibido fumar. As músicas do Roberto Carlos eram muito diferentes das de hoje. Também escutava Vanusa, Tim Maia. A música que mais me tocou nessa época foi uma assim (ela cantou um trecho da música Gostava Tanto de você do Tim

Maia).

3. As mensagens subliminares pertencentes à muitas canções da época, eram de fácil identificação? Você lembra alguma delas? Lembra o que te chamou atenção? Minha filha, como lhe falei, aqui a gente não sabia muito disso não. Acho que quanto o que lembro bem era que tinha músicas que só se escutava uma vez no rádio, e depois nunca mais. Também tinha vezes que a música estava sendo tocada e parava do nada e colocavam outra. Quando meu mais velho (filho) começou a estudar ele me falou disso. Que os artistas usavam a música para falar das coisas que estavam acontecendo. Mas, veja bem, eu não via isso. Posso até ter escutado alguma dessas músicas, mas não via nada de protesto e nada que dissesse o que estava acontecendo.

4. Muito se fala dos compositores, artistas e canções contrárias ao período ditatorial no eixo Rio-São Paulo mas, como era essa questão musical aqui no Ceará?

Teve uma novela, eu lembro que tinha a música do Pavão (nesse momento falo sobre a música Pavão Misterioso e ela confirma), que era do Ednardo. Meu namorado me levou para um show dele. Eu gostava muito. Mas daqui mesmo, eu escutava muito forró nos bailes que tinham aqui por perto.

5. Qual figura musical, na sua concepção pode ser símbolo desse período? Por que? Você citaria algum artista cearense?

Posso falar os que eu gostava de escutar? (eu lhe respondo que sim) Amava Roberto (Carlos) e ainda amo. Gostava do Tim Maia, Hyldon, Luiz Ayrão. Para mim a figura mais marcante mesmo da minha juventude (final de 60 e início de 70) foi o Roberto Carlos.

APÊNDICE C – GUIA DE ENTREVISTAS (ENTREVISTADO B)

1. Como você definiria a sociedade da época?

Temos que pensar primeiro nos antecedentes. Cito aqui a revolução russa no início do século que impulsionou, principalmente aqui na América Latina, a luta dos contrários à Guerra Fria (perguntou se eu sabia o que era a guerra fria e seu contexto e logo seguimos a entrevista), cito também a revolução Argelina que colocou mais ainda “caldo na fervura”. Foi nesse cenário que fundamentou-se a ditadura em diversos países americanos, talvez pelo medo dos EUA que controlavam e tinham o poder e influência nas Américas, então se faziam essas revoluções (nome dado a ditadura por aqueles que a defendiam). Mas o que houve foi essa intensificação da polarização; os “comunistas” de um lado e os conservadores de outro, temendo que o Brasil tomasse o mesmo caminho de Cuba já que era muito grande na época essa guinada de Cuba para o socialismo ou “comunismo.”.

2. E a questão musical? Qual tipo de músicas você escutava no período?

Tive uma imensa sorte de ter nascido em uma família que gostava muito de música, então desde cedo tive contato com esse ambiente, meu pai tinha muitos discos e lembro sempre dele utilizando a radiola para poder escutar música. Meu pai tinha uma discografia muito grande e pessoas ligadas ao rádio e intelectuais sempre se reuniam em minha casa para poder escutar música, me sinto muito beneficiado por isso, pois passei a ter um grande conhecimento na área, incluindo conhecer produtores, artistas e compositores da época, conhecendo assim a história e vivência da música popular brasileira. Quando veio a ditadura, eu tinha em torno de 10 anos, acompanhava nesse período o rock internacional, principalmente os artistas norte-americanos, mas também a música brasileira tradicional. Tinha um amigo de meu pai que era representante de um banco inglês e ele por ter mais posses sempre mandava buscar os discos de vinil antes de eles chegarem aqui, e logo após ele escutar, sempre mandava para mim. E ao crescer, passei a ir atrás dos discos, ler sobre o assunto e também escutando os programas de rádio, dos quais eu era aficionado. Na época existia um rádio potente, chamado trans globo, que escutava emissoras de rádio de todo o mundo. Com minha ascensão ao mercado de trabalho comecei a participar dos concursos de rádio

para ganhar discos e em uma certa vez fui convidado a trabalhar como “representante de discos”, estilo aqueles representantes de laboratórios farmacêuticos. Trabalhei na Phillips, uma gravadora importantíssima, que tinha em seu cast Chico Buarque, Caetano Veloso, Gal Costa, entre outros. Como eu estava no meio da divulgação, fui conhecendo mais ainda. Meu foco de trabalho era os estúdios de rádio, onde levava os produtos para divulgação. Depois passei para outra gravadora, e, por fim, trabalhei em outra multinacional, a qual passei muitos anos, que foi a RCA Victor, que era uma potência mundial na época.

3. As mensagens subliminares pertencentes à muitas canções da época, eram de fácil identificação? Você lembra de alguma delas? Lembra o que te chamou atenção?

Bom, como já falei, essa dificuldade era parcialmente reduzida para mim porque eu tinha contato com o mitiê da época, então sempre tínhamos informações. Era recorrente saber que música A ou B tinha sido censurada, ou que na hora da exibição da música ela foi tirada do ar e substituída por outra; que cantor X estava sofrendo perseguição. Então, Graças a Deus, eu consegui essa aproximação com a área. Essas músicas, no meu humilde modo de ver, não eram de fácil identificação, porque eles usavam simbologias e códigos que não deixavam transparecer isso para o largo aspecto da social, devido a alienação da massa. Cito aqui a música Cálice de Chico Buarque, em que o cálice, mesmo sendo grifado como o cálice de vinho, fazia alusão ao cale-se do verbo calar. Bom, talvez eu possa aqui estar minimizando o poder de interpretação do grande público, trazendo até uma visão conservadora, não sei... Mas sei que muitas músicas não eram de fácil identificação. A música O Fado Tropical, que também é do Chico, com contribuição de Rui Guerra, também fazia alusões a sangue e tortura, mas de maneira indireta. Também tem exemplo de duas músicas cearenses. Pavão misterioso, possui dezenas de metáforas, que não são de fácil entendimento para a massa, tem também a música Apenas um rapaz latino americano., que usa esse recurso de linguagem. As músicas tinham esse cunho poético, mas por trás era puro protesto.

4. Muito se fala dos compositores, artistas e canções contrárias ao período

ditatorial no eixo Rio-São Paulo mas, como era essa questão musical aqui no Ceará?

No Ceará, muitos compositores não enveredaram pela música de protesto direto, até pelas dimensões que nosso Estado ocupava na época em termos de cultura nacional em relação ao espaço que ocupa hoje. Porém, alguns artistas se destacaram na época, tipo Belchior, Ednardo, Fagner, mas dentro dos padrões da época onde não se era de fácil entendimento a mensagem da canção.

5. Qual figura musical, na sua concepção pode ser símbolo desse período? Por que? Você citaria algum artista cearense?

No Ceará, destaco principalmente o Belchior, que hoje encontra-se desaparecido, mas foi uma grande figura da época. E o Ednardo também. Em termos nacionais, eu elejo por simpatia Geraldo Vandré, que tem toda uma história de perseguições e torturas, e ele compôs uma música que é considerado hino de uma geração que foi a Pra não dizer que não falei de flores. Então, pra mim, ele é um grande representante, pois tudo o que ele passou afeta até hoje sua vida. Ele desenvolveu problemas psicológicos devido a tais sofrimentos. Também o Chico Buarque foi muito perseguido, exilou-se por anos, e teve a maioria de suas músicas gravadas após o ano de 1978, quando a censura estava “mais branda”. Taiguara, que é um compositor uruguaio, que se radicou brasileiro, teve dezenas de músicas censuradas.

6. Qual a gravadora a qual você era ligado e como era o dia a dia de uma gravadora aqui no Ceará?

Basicamente eu fui ligado à três gravadoras. Phillips, a Chantecler e por fim a RCA Victor. E eu fazia essa parte de divulgação, acompanhar os artistas quando viam ao Estado. Hoje chamamos isso de produtor musical. Os discos eram lançados e íamos fazer a “rota” nas rádios apresentando os novos lançamentos, de forma gratuita, apenas para divulgação das músicas para o público, o que impulsionaria as vendas de discos no mercado.

7. Na história, escutamos casos de gravadoras que foram perseguidas e invadidas; um exemplo que podemos citar é da gravadora Phillips que foi invadida pelos militares que apreenderam todos os exemplares que continham a faixa Apesar de

Você de Chico Buarque de Holanda. Então, como era a relação da gravadora com os militares aqui no Estado?

Essa parte eu não tive muito conhecimento, mas sempre existia esse ruído, esse “burburinho” como vocês jovens chamam, de que tal música foi proibida de ser tocada, que tal disco foi recolhido das lojas pelo SNI (Serviço Nacional de Informações). Então, tinham músicas que realmente não podiam tocar, senão o radialista recebia uma ligação para retirar a música, e caso não obedecesse era chamado para esclarecimentos. Nunca presenciei nenhuma ação militar seja em rádio ou na própria gravadora. Também tem o fato de que quando o material vinha para cá, ele já teria sofrido censura lá no eixo Rio -SP, já que naquela época para um material ir de um estado para o outro levava um bom tempo. Eu arrisco dizer que a ação dos militares aqui não era de tão grande escala como lá, não era tão atuante como lá. Existia sim a ação militar, porém, nessa questão musical, não via tanta ação como lá. O que tive de ver foi uma ação militar em uma loja onde pegaram os discos e os arranharam, o que os impedia de tocar, pois ficavam “enganchando” na radiola”. O que entendo é que o foco, com toda a certeza, deveria ser lá, pois a grande massa midiática consistia no sudeste do país.

Anexo A - Documento Confidencial do Exército sobre Elis Regina

Esta é a transcrição na íntegra de um documento do CIE (Centro de Informações do Exército) sobre a Elis:

“Ministério do Exército
Gabinete do Ministro
Documento Confidencial do Exército
Informação nº (ilegível)/S-103.2.CIE
Assunto: Cantora Elis Regina
Origem: CIE (Centro de Informações do Exército)
Difusão: SNI/AC, DPF/DF, S/102-CIE
Difusão Anterior: –

Referência: Cópia da declaração da epigrafada

1. O CIE recebeu de um repórter credenciado na imprensa Guanabarina uma entrevista concedida pela cantora nacional Elis Regina à revista holandesa “Tros-Nederland”, edição de 23 de maio, sem a indicação de ano, sob o título “A Primavera Impetuosa de Elis Regina”.
2. Procedidos os levantamentos necessários, constatou-se que:
 - a cantora esteve na Holanda no início de 1969, ocasião em que concedeu entrevista coletiva à imprensa, em ambiente formal e seguindo as normas desse tipo de relacionamento;
 - viajou para a Itália e Inglaterra no princípio de 1971, não tendo feito declarações à imprensa;
 - no Brasil, jamais concedeu entrevista a qualquer órgão de imprensa estrangeiro;
 - nos anos de 1966-1967 atuou ao lado de alguns cantores de esquerda considerados subversivos após as agitações de 1968, destacando-se, entre eles, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e Edu Lobo. Faziam parte do “Grupo Paulo Machado de Carvalho”, da TV Record, Canal 7, de São Paulo e da Rádio Jovem Pan. Na época, anos de 1966/67, esse grupo foi considerado de orientação filo-comunista;
 - é muito afeita a gravar músicas de protesto, inclusive ligadas ao movimento do Poder Negro norte-americano, apesar de não demonstrar ligação com o mesmo;
 - possui contrato firmado com a rede Globo de Televisão a terminar em 30/06/72 e com a gravadora PHILIPS com término em dezembro de 1973;
 - atravessa, no momento, uma fase bastante difícil na sua vida particular – o marido, o compositor e produtor de TV, Ronaldo Bôscoli, doente, necessitando de tratamento psiquiátrico; seu genitor tornou-se inimigo do marido, chegando ao ponto de ameaçar a vida do genro; certa imprensa, chamada “marrom”, tem noticiado calúnias sobre o seu comportamento, além de difundir assuntos de sua vida privada;
 - mostra-se retraída, não participando de grupos, mesmo em festas ou reuniões sociais;
 - cumpre seus contratos e compromissos corretamente, aceitando programas não remunerados, quando para fins filantrópicos, ou solicitados por órgãos públicos.
- 3) Em 22/11/71, foi convidada a prestar esclarecimentos no Centro de Relações Públicas do Exército (CRPE), por solicitação do CIE, quando caracterizou sua posição de artista isolada e desligada de qualquer vínculo político-ideológico,

tendo, inclusive, negado terminantemente ter recebido, durante a entrevista concedida na Holanda, qualquer pergunta sobre Cuba ou outro assunto político e mesmo relacionado com o Brasil e o seu povo.

Nessa oportunidade, escreveu de próprio punho a declaração, tendo gravado, em imagem e som, o seu depoimento, cuja tape se acha arquivado neste Centro.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1971.

Declaro que li a tradução de uma entrevista publicada na revista holandesa “Tros-Nederland”, edição de 23 de maio, atribuída à minha pessoa, contendo considerações a respeito do Brasil, de seu regime e de seu povo. Realmente, estive neste país (Holanda) e fui entrevista coletivamente pela imprensa de Amsterdã. Porém, não me foram feitas perguntas sobre qualquer assunto político relacionadas com o Brasil. As perguntas se limitaram a assuntos de música, tendo sido (ilegível) o movimento de bossa nova, a participação de Ronaldo, meu marido, no mesmo movimento, importância de Tom Jobim e Vinícius e validade do trabalho de Sérgio Mendes como músico brasileiro no exterior. Também me perguntaram das razões da ausência de Caetano Veloso e Gilberto Gil no MIDEM de 1969. Me neguei a responder, a despeito da insistência de um repórter. Nego terminantemente ter feito as declarações publicadas naquela revista. Nego, apesar de sugerida, que tenha feito uma entrevista em particular a qualquer jornalista. Com referência à minha participação em grupos de artistas em movimentos de conotação política ou de contestação, quero esclarecer que a mesma se restringia a apresentações do programa “O Fino da Bossa”, TV Record, São Paulo. Nunca participei de qualquer movimento (ilegível) ou coisas do gênero de cunho subversivo. Além do mais, em minha vida pessoal, não tenho relacionamento com artistas ou intelectuais, além de encontros ocasionais em restaurantes ou teatros, pois não gosto particularmente do que comumente se chama “patota”. É um ponto de vista firmado meu, do qual não (ilegível). Quanto à minha religião, declaro que sou espírita Kardecista, logo não tenho porque fazer as ditas declarações de “Tros-Nederland”. Queria deixar registrado que, de algum tempo para cá, não presto declarações a órgãos de imprensa, a não ser por escrito, ficando comigo as cópias das entrevistas.

Assim sendo, ponho-me à disposição para esclarecer futuros equívocos, tomando por base essas cópias autenticadas.

Elis Regina Bôscoli,

Rio, 22/11/71.

Anexo B – Documento de proibição da música Apesar de Você de Chico Buarque

VAZ. 118 A. 20, p. 4/11

"APESAR DE VOCÊ" - ora dá os acordes, ora diz a letra, e finalmente sábado cantou a toda força.

A nosso ver, s.m.j., é necessário que se coloque um fim nestes episódios que somente desgastam as autoridades.

Este é o relatório.



EDUARDO HENRIQUE DE ALMEIDA - BEL.
Inspetor de Polícia Federal

Anexo C - Documento que prova a proibição da regravação da música Tiro ao Álvaro de Adoniran Barbosa

"TIRO AO ÁLVARO"
 AUTORES: Adoniran Barbosa - Oswaldo Moles
 CANTA: ADDONIRAN BARBOSA

DE TANTO LEVAR
 FLEXADA DO TEU OLHAR
 MEU PEITO ATÉ
 PARECE SABE O QUE
 TAUBA DE TIRO ALVARO
 NÃO TEM MAIS ONDE FURAR
 NÃO TEM MAIS

TEU OLHAR MATA MAIS DO QUE
 BALA DE CARABINA
 QUE PEIXEIRA DE BAIÃO
 QUE VENENO ISTRIQUININA
 TEU OLHAR MATA MAIS QUE
 ATROPELAMENTO DE ARTOMORVE
 MATA MAIS QUE
 BALA DE REVORVE.

13
 RR

1911 1022 02674

VETADO

XIX

19.12.73.

A falta de gosto
 impede a liberdade
 da letra

27/12/73
 Arthur Feres
 Argenir Costa Rodrigues

VETADO